

Ms. 1260

SEP 10

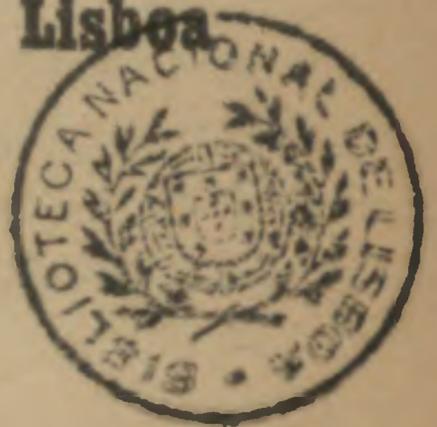
Série de Notas sobre a Guerra

N.º 120

O serviço que a America presta á Europa

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1918



O serviço que a America presta á Europa

O professor Kuriyagawa, membro da Missão japoneza enviada á America, descreve num jornal japonês as suas impressões com respeito á grande Republica.

Diz aos seus compatricios que no respectivo grau de cultura do solo se encontra um dos contrastes mais notaveis entre o Japão e os Estados Unidos. Não admira que o estudante japonês, erudito e inteligente, ficasse impressionado pela comparação. No Japão uma povoação de 55.965.292 individuos tira o seu sustento diário duma área de 21.700.000 hectares, os quais se cultivam ha seculos; está causando alguma preocupação ao Japão e ao mundo o facto que os nascimentos anuais são de 750.000 em excesso dos falecimentos. Nos Estados Unidos uma população que atinge quasi 100.000.000 de almas tem ao seu dispôr 913.200.000 hectares, grande parte dos quais é, ou foi até ultimamente, fertilissimo terreno virgem. No Japão não chega a haver meio hectare de terreno para cada habitante; na America cada habitante tem 9 hectares. No Japão a área cultivada é de 4.890.645 hectares; nos Es-

tados Unidos cultivam-se 351.519.330 hectares. No Japão 5 milhões de hectares dão 17.203.433 moios de cereais; nos Estados Unidos onde a área cultivada é 73 vezes maior que no Japão, produz-se só 12 vezes a quantidade de cereais.

Sobre este contraste poderá o economista japonês construir uma filosofia sua; para a Europa porém é um facto importante e consolador. Existe na Europa duas opiniões contrarias com respeito ao character americano. A primeira tem-o na conta de cubiçoso, sofrego de dinheiro (do *mighty dollar*), cruel, egoista entregue ao ganho. A segunda, que é a do professor Kuriyagawa, dá o americano como sendo negligente, extravagante, desprezador de possiveis lucros, descuidado na exploração dos seus recursos. Os factos citados provam que estão em erro as duas opiniões. O americano não é um utilitario mesquinho, visto que, não obstante a sua pericia nas suas sciencias e na técnica, não cultiva mais que a terça parte do seu solo e extrai dele só 50 alqueires por hectare; e não é loucamente extravagante visto não carecer extrair mais do solo. O povo americano é o mais rico e o mais satisfeito e evidentemente o mais pacifico dos povos do mundo. Eis o que torna de maior peso a sua entrada na guerra.

Os escritores alemães teem exigido muito da credulidade dos seus leitores, porém passaram os limites quando representaram a America como movida por um fio egoista. O amor da paz tem sido ha cento e cincoenta anos para os americanos a inspiração suprema da mãe patria.

No ano 1800 contava o territorio prodigioso uma população só de 4.500.000 habitantes. Em 1870, a despeito das enormes correntes de imigrantes, havia só 43 milhões de individuos e estavam ainda por cultivar enormes extensões de prados virgens. Hoje mesmo para cada milha quadrada ha só 30,9 habitantes; falta ainda abater as arvores em 220 milhões de hectares de floresta (10 vezes a área do Japão todo); pelo sistema japonês o solo rendia 5 vezes o que rende hoje. As madeiras e os minerais estão em igual abundancia. O carvão e o ferro tornam a America indefinidamente independente dos outros paizes. A vasta área tem climas tão variados que o paiz fornece toda a variedade de produtos desde os tropicais até os da zona artica. Emquanto a mercados a industria americana tem á sua disposição todo um continente; além de que acha-se na prática mais perto da China do que qualquer paiz da Europa. Entre as grandes potencias mundiais nenhuma tem tão pouco interesse na guerra nem um incentivo tão claro para a paz como a America.

A doutrina Monroe — paz interna e nenhuma interferencia nas contendas das populações sobre-carregadas das nações de além-mar — parecia estar na massa do sangue americano.

Não ha na guerra europeia nenhum episodio que tanto alivie a perspectiva ominosa como a participação da America na guerra. As nações pequenas vêem que a sua intervenção não pode ter senão um fito. O facto bem estar dessa nação de além Atlantico parecia indicar um certo

egoismo nacional, porém hoje compreendemos a orientação do seu desenvolvimento. Serve para manter o tão preciso equilíbrio ameaçado pelos impulsos dos 100 milhões de alemães e austriacos, os quais afirmam que se vêm obrigados pela sua posição geográfica a procurar expandir-se. A America, nutrida nos ideais da paz, traz á Europa o seguinte evangelho — que as necessidades economicas devem-se satisfazer unicamente por empresas economicas.

Inspira alguma esperanza de segurança futura o facto que a doutrina alemã de ser licito a uma nação apossar-se do que a sua força lhe permite, vai caindo no descredito, e dá-nos igualmente a certeza que na hora da victoria não será permitido aos Aliados da Entente cederem aos mesmos impulsos. A Potencia que em 1902 cedeu voluntariamente a Ilha de Cuba, está agora pronta a dispender — segundo o seu calculo da provavel duração da guerra — 50.000.000.000 de dolars sem um ceutil de ganho material, é essa a Potencia que nos fazia falta nos conselhos da Europa.